



Movendo-se entre a abstração e o figurativo, **Pablo Ferretti** e **Rafael Pérez Evans** trilham trajetórias opostas, caminhos aparentemente diversos mas que, em um dado momento do percurso, acabam por encontrar-se na encruzilhada exata onde tudo desvanece, borrando assim os limites da imagem e mesmo da representação. Enquanto o primeiro parece partir de uma imagem mental que emerge dos escombros da sua própria memória para conformar sobre a tela a forma espectral de um momento difuso no tempo, quer no plano real ou da ficção, o segundo geralmente debruça-se sobre imagens concretas para então esmaecer os contornos da realidade e atingir o plano da abstração.

A pintura de Ferretti é dotada de forte carga afetiva, intuitiva, em que pese em seu processo pictórico a densidade plástica de um mundo volátil, embotado, de difícil acesso, que aparentemente deriva de processos psíquicos velados e das camadas superiores do inconsciente, a trabalhar distantes da luz solar. Por outro lado, transparece em sua obra um certo desejo de encobrir o que a mente procura construir, ordenar, tornar visível. É possível que, no afã de não representar algo imediatamente reconhecível, o artista entenda que todo o exercício figurativo tem o condão de trair a expressão genuína de um acontecimento, de um flashback fortuito ou de uma incontornável memória.

Na contramão do processo criativo de Ferretti, Pérez Evans desenvolve uma espécie de arqueologia que, ao invés de revelar o material encontrado em sua escavação da história, nos apresenta tão-somente os vestígios de algo anteriormente dotado de materialidade ou visibilidade. É como se sua reiterada busca por um código, uma imagem dotada de sentido, redundasse no apagamento dos dados de realidade, na ausência absoluta do índice. Não obstante o desaparecimento das formas plasmadas nos véus, sobrevivem os elementos materiais que sustentam essas mesmas telas, bandeiras, produzindo um embate entre a possibilidade de dar corpo ao símbolo e a aniquilação de todo e qualquer esforço de significação.

Quer na esfera pública ou privada, nos domínios da memória individual ou coletiva, no plano histórico ou emocional, a arqueologia pictórica de ambos os artistas parece frustrar as expectativas de revelação objetiva de um mundo reconhecível. Ferretti e Pérez Evans operam naquela zona à qual Giorgio Agamben se refere como a "escuridão do presente"* , este intervalo entre passado e futuro que nos põe em suspensão, que nos lança ao patamar onde a abstração do pensamento obscurece a realidade imediata.

Bernardo José de Souza
Julho 2015

* *Giorgio Agamben, Che cos'è il contemporaneo? (2006), nottetempo, Roma, 2008, pp. 13-17.*